

## TSUJI, UM POEMA DE TAKUBOKU

Helena Hisako Toida

As obras literárias que pertencem à era Meiji<sup>(1)</sup>, sejam elas prosa ou poesia, refletem as várias transformações que o Japão sofre no plano socio-político-cultural, nesta fase. Com referência, particularmente ao mundo literário, é uma fase significativa em que surge considerável número de “inventores - homens que descobriram um novo processo, ou cuja obra nos dá o primeiro exemplo conhecido de um processo”, segundo a classificação de Ezra Pound em seu ABC da Literatura (p. 42).

Citaremos dois fatos importantes que contribuíram para a formação da chamada Literatura *Kindai*<sup>(2)</sup>: o fortalecimento do *Genbun itchi undô*<sup>(3)</sup> (movimento unificador da fala e escrita) e a publicação de *Shintaishishô*<sup>(4)</sup> (seleção de poemas em estilo renovado e de *Omokage*<sup>(5)</sup> (Imagens - Coletânea de poemas traduzidos), ambos ocorridos na década de 1880.

O *Genbun itchi* visava a expressão de sentimentos e ideologias, de modo livre e preciso, aproximando a língua escrita da falada; o *Shintaishishô* visava a apresentação dos *shintaiishi* (Poemas em estilo renovado) e o *Omokage*, a apresentação dos poemas românticos do Ocidente. O primeiro foi um fator decisivo para proporcionar o desenvolvimento da cultura e literatura modernas e o segundo, um marco inicial da poesia japonesa moderna, diferente do estilo poético japonês como os haicais e *tanka*<sup>(6)</sup>.

Dentre os inúmeros literatos pertencentes a essa época, destacaremos o poema “*Tsuji*” (Encruzilhada) de Takuboku Ishikawa (1886 - 1912), para através dele, apresentarmos, sucintamente, algumas características da poesia dessa época e também a universalidade do tema abordado.

Takuboku Ishikawa (doravante, Takuboku) é um literato representativo da Literatura *Kindai*: foi *kajin*<sup>(7)</sup>, *shijin*<sup>(8)</sup>, crítico e romancista durante os 10 anos de atividade literária que se encerra com a sua morte em 1912, juntamente com o findar da era Meiji.

Desde cedo, Takuboku desponta como poeta-prodígio, participando de várias associações literárias que floresciam na época. No entanto, esse valor não foi devidamente reconhecido na época, e ele acaba por levar uma vida errante.

Desiludido de sua terra natal, Morioka<sup>(9)</sup>, separa-se da família e par-

te para Hakodate<sup>(10)</sup>, com a esperança de recomeçar uma nova vida. Durante a sua permanência em Hakodate (de 05 de maio a 13 de setembro de 1907), trabalha como editor de uma revista *dôjin*<sup>(11)</sup>, como professor-substituto e depois como jornalista, desfrutando uma considerável tranqüilidade, até o grande incêndio de Hakodate, que o obriga a mudar-se para outras cidades de Hokkaidô.

Nessa época, Takuboku se esforça em compor *tanka* e poemas, publicando-os na revista, já citada, e nos jornais. Os poemas foram compilados em *Hakodate-no Uta* (Canções (poemas) de Hakodate), totalizando 6:

- 1) *Minazuki* (Junho no calendário lunar - 18/05<sup>(12)</sup>);
- 2) *Toshi oishi karewa akibito* (Ele, envelhecido, é um comerciante - 26/05);
- 3) *Tsuji* (Encruzilhada - 26/05);
- 4) *Kani-ni* (Para um caranguejo - 26/05);
- 5) *Basha-no naka* (Dentro do coche - 26/05);
- 6) *Koi* (Amor - 30/06).

*Tsuji* (Encruzilhada) foi publicado na revista *dôjin* "Benimagoyashi" nº 6. É um poema longo, constituído de 60 linhas divididas em 4 estrofes, impecavelmente estruturados em *goshichi-chô* (ritmo 5 - 7 sílabas) usando uma linguagem simples, direta e de fácil compreensão.

Aqui faz-se necessário explicar, apesar de sucintamente, o *goshichi-chô*, pois é a base da estrutura formal sobre o qual o poema foi composto.

Este *goshichi-chô* é um ritmo peculiar à poesia japonesa, que consiste em formar versos contendo sempre 5 ou 7 sílabas. Utilizado desde os tempos primordiais, pode-se dizer que *goshichi-chô* é um ritmo inerente ao subconsciente do povo japonês. Os japoneses usam-no inconscientemente só pelo motivo de que o verso adquire uma "musicalidade" natural. Por exemplo, até em frases para chamar a atenção do povo com relação ao trânsito, o *goshichi-chô* é utilizado:

*To / bi / da / su / na*     5 sílabas

*Ku / ru / ma / wa / kyu / u / ni*     7 sílabas

*To / ma / re / na / i*     5 sílabas

Trad.: Não se precipite,

O carro não pode parar

Repentinamente.

Assim, "independente da existência de sentimento poético ou imagem -ou seja de conteúdo - é possível compor "poema japonês tradicio-

nal”, enformando os versos em 5-7-5 sílabas”, segundo Sadanori Bekku em *Nihongo-no Rizumu*, p. 12-13.

Em Takuboku não foi diferente como veremos a seguir, citando o original, transcrito em alfabeto e sua respectiva tradução, esta literal, para apenas compreender o significado do poema.

*Tsuji* (Encruzilhada)

*O/i/ta/ru/ mo, // a/ru/wa, / wa/ka/ki/mo,  
I/ku/so/ta/ri, // o/to/ko/ o/mi/na/ya,  
Hi/ga/shi/ yo/ri, // ha/ta/ya, / ni/shi/yo/ri,  
Sa/ka/ no/ u/e, // sa/ka/ no/ shi/ta/ yo/ri,  
O/no/ga/ ji/shi, // i/to/ se/wa/shi/ge/ ni  
Ko/ko/ su/gu/ru. //*

*I/ma/ wa/ga/ ta/tsu/wa,  
U/mi/o/ mi/ru // hi/ro/ki/ chi/ma/ta/ no  
Yo/tsu/ no/ tsu/ji. // - Yo/tsu/ no/ ka/do/ na/ru  
I/e/ wa/ mi/na // i/to/ i/ka/me/shi/shi.  
Gi/n/ko/o/to, // mo/no/ u/ru/ mi/se/to,  
Shi/n/bu/n/sha. // No/ko/ru/ hi/to/tsu/wa,  
Hi/to/ no/ tsu/mi // ka/gi/te/ yu/ku/ na/ru  
Ku/ro/i/nu/ o // ka/e/ru/ ke/i/sa/tsu.*

Trad.: Velhos ou jovens,  
algumas dezenas, homens e mulheres,  
do leste, ou do oeste,  
Do topo da ladeira, do sopé dela,  
Cada um com seu pensar, tão apressadamente  
Passam por aqui.

Onde estou agora é  
a encruzilhada, de largas ruas  
de onde se vê o mar. - Das esquinas,  
as casas são todas tão solenes.  
Um banco e uma loja,

e uma redação de jornal. Uma que resta é  
a delegacia que cria cães pretos,  
que vão a farejar o crime das pessoas.

A primeira estrofe se constitui de 14 linhas e como podemos notar no original, conforme a divisão feita, todos os versos estão formados por 5 e 7 sílabas. Apresenta-nos a descrição do cruzamento de uma metrópole (Hakodate), onde as pessoas transitam desordenadamente, "cada um com seu pensar" por entre banco, loja, redação de jornal e delegacia, esta última caracterizada de modo pejorativo: "cães pretos (= policiais) que vão a farejar o crime", treinados unicamente para isso.

*Koko suguru hito wa, miyo, mina,  
Sora takaki hiomo aogazu,  
Fune ooki umi mo nagamezu,  
Tada, hito no tsukureru michi o,  
Hito no sumu ie o mitsutsu zo,  
Hito to koso murete yukunare.  
Hakuhatsu no okina mo, hata ya,  
Kinugasa no wakaki otome mo,  
Shônen mo, mata kutsu narashi  
Tabako fuku kaisanshō mo,  
Take takaki shinshi mo, mago o  
Seni oeru yaseshi ouna mo,  
Sakabutori, ito sorikaeru  
Akibito mo, mono kou kora mo,  
Kuchibue no wakaki kyûji mo,  
Ie motanu uki hitobito mo.*

Trad.:

As pessoas que por aqui passam, vejam, todos  
não levantam os olhos sequer para o sol no alto céu,  
não apreciam o mar com inúmeros navios,  
somente vão pelas ruas construídas pelos homens,  
olhando para as casas em que moram os homens  
formando aglomerado com os homens.  
O senhor de cabelos brancos,  
e a jovem de guarda-sol de seda,  
e ainda o menino que sapateia,

e o mercador de produtos marítimos fumando,  
e o cavalheiro alto, e a senhora idosa e magra  
carregando o neto às costas,  
e o comerciante arquejante, e gordo de bebidas,  
e as crianças pedindo esmolas,  
e o jovem garçom assobiando,  
e as pessoas insatisfeitas, sem casas para onde voltarem.

Constituída de 16 versos, a segunda estrofe apresenta-nos a caracterização detalhada do tipo de pessoas que passam pelo cruzamento - velhos, jovens, crianças, homens e mulheres - sem serenidade para "levantar os olhos ao céu" e "apreciar o mar" Seus olhos estão voltados apenas para as ruas, as casas, produtos do progresso humano e para os homens, que estão no mesmo nível de "objeto", citando-os juntamente com as casas e ruas. O uso insistente da estrutura "...mo ...mo ..." (e...também... e...) nos dá a sensação de que há pessoas em excesso e por isso mesmo, provocando a sensação de nada, de vazio também.

*Sewashige ni suguru mono ka na.*  
*Hiroki tsuji, hito wa ookedo,*  
*Aishireru hito ya nakaramu.*  
*Nami yukedo, hata, aiaedo,*  
*Hito wa mina, soshiranu miburi,*  
*Onogajishi, onogamichiozo,*  
*Isogunare, onomo onomo ni.*

Trad.: Ah, como passam apressadamente.  
Encruzilhada larga, as pessoas são numerosas,  
Mas parece não haver ninguém conhecido.  
Mesmo que caminhem na mesma direção ou na direção oposta,  
As pessoas, todas, se mostram estranhos,  
Cada um com seu pensar, cada um no seu caminho  
Apressam-se, cada um com seu destino.

A pressa dos homens é fator preponderante nesta estrofe de 7 versos apenas, e através dela, o poeta enumera a indiferença, a frieza, o individualismo reinantes entre as numerosas pessoas que transitam pelo cruzamento. Isto é reforçado pela comparação feita nos versos 1 a 8 da estrofe seguinte.

*Kokoro naki hayashi no kigi mo  
Aiyorite eda koso kawase,  
Toshogoto ni ochite shinunaru  
Kino ha sae, asakaze fukeba,  
Asa sayagi, yûkaze fukeba,  
Yûgatari surunaru mono o,  
Hito no yo wa mabara no hayashi,  
Hito no yo wa hito naki sabaku.  
Aa, ware mo, wagayuku michi no  
Kyô hitohi, kataru tomo naku,  
Kono tsuji o, ima, kaku yuku to,  
Omoitsutsu, ayumi utsuseba,  
Ketatamashi to no oto hibiki,  
Migite naru shinbunsha yori  
Kakeideshi otoko ikutari,  
Koshi no suzu takaku narashite  
Kakesarinu, yotsu no kado yori,  
Yotsu no michi onomo onomo ni.  
Ima satsuki, haretaru hitohi,  
Hi no hikari kumorazu, umi ni  
Kibanarasu nami mo nakeredo,  
Isogashiki hito no kunini wa  
Nanigoto ka okorinikerashi.*

Trad.:

Mesmo as árvores do bosque sem sentimento  
Aglomeram-se, enlaçando os galhos,  
As folhas que a cada ano caem e morrem,  
Mesmo elas, ao soprar da brisa matinal,  
Farfalham ao amanhecer, e, ao soprar da brisa noturna,  
Contam histórias ao entardecer,  
o mundo humano é um bosque esparso,  
o mundo humano é um deserto sem homens.  
Ah, eu também, no meu caminho,  
o dia de hoje, sem companheiro para falar  
por este cruzamento, assim caminhando vou, agora,  
Quando, pensando assim, movimento meus passos,  
Um ruído estridente de porta ecoa,  
E, da redação de jornal à direita,

Saem correndo vários homens,  
Ressoando, alto, os guizos às suas cinturas<sup>(13)</sup>  
e das esquinas, desaparecem correndo,  
em direção às ruas, cada um no seu destino.  
Agora é maio, um dia calmo,  
Os raios do sol não se embaçam, no mar  
não há ondas que rangem suas garras.  
No país dos homens ocupados,  
Parece que algo aconteceu.

Podemos dividir esta última estrofe em partes para facilitar a sua compreensão:

- a) Do verso 1 ao 8 é o elemento de comparação com relação à estrofe anterior: usando o jogo das árvores e folhas, compara-as ao mundo humano e aos homens. Sua ironia se culmina nos versos 7 e 8: "o mundo humano é um bosque esparso, um deserto sem homens" Apesar de ser uma comparação até simples demais, sua expressão direta em considerar a humanidade um bosque e um deserto é facilmente apreendida pelo leitor.
- b) V. 9 - 11: Se a humanidade é isso, então ele também vai jogar o mesmo jogo, a caminhar o seu destino.
- c) V. 12 - 18: Há uma quebra no desenrolar dos seus pensamentos - homens que saem correndo, para distribuir notícias extras para a cidade. Seu pensamento é trazido à realidade por um instante, e logo retorna à sua calma interior - refletida nos raios do sol e ondas do mar (v. 19 - 21) - desfechando com a suposição de algum acontecimento num país distante diferente do que ele está vivendo. Concentra-se aqui a sua indiferença perante o mundo: o mundo ignora a sua existência e ele também vai ignorá-lo, uma indiferença imposta pelo mundo, e ele a aceita, resultando no seu distanciamento com a realidade.

Há pessoas em excesso, e isto é o mesmo que não há ninguém. Como a reunião de todas as cores que resulta na cor branca, a humanidade é um "quadro branco" onde as pessoas "ocupadas" tornam-se indiferentes à própria humanidade que o rodeia. Isso é a linha de chegada da sociedade que começa a correr sobre o trilho do progresso em direção à modernidade.

Este poema foi composto há 80 anos, no início do século, quando o Japão começava a se entrosar com a modernidade resultante da Reforma Meiji<sup>(14)</sup> Não obstante, seu tema pode ser considerado um leitmotiv: nós nos identificamos com o poeta em relação à sociedade atual: "o

mundo dos homens é um deserto sem homens”, e somos solitários em meio a esse excesso de pessoas, sem “galhos para enlaçar” e sem “folhas para farfalhar” Este deserto é a linha de chegada da humanidade na corrida ao desenvolvimento.

Os 60 versos do poema são enformados em “goshichi-chô e esta técnica de descrever objetivamente a paisagem, apesar de ser arcaico, resulta na precisão, chegando a ser prosaico, sendo usado freqüentemente por Ôgai Mori” (cf. Itô Sei - “*Shijin-no Shôzô*”, p. 409).

Como Takuboku e Ôgai, muitos literatos da era *Kindai* serviram-se dessa técnica, tão tradicional no mundo poético japonês, para produzirem as suas obras, podendo essa ser considerada uma época de transição para uma versificação mais livre (*Jiyûshi*). Há uma mistura do ritmo ainda tradicional com a versificação mais livre - tradição + modernidade - que estão em perfeito equilíbrio.

Um outro aspecto é a facilidade de apreensão do tema, devido à utilização de termos fáceis, sem metáforas complexas, estruturação simples e a expressão direta dos sentimentos do poeta.

Isso podemos dizer que é o resultado do *genbun'itchi*, da publicação de *Shintaishishô* e *Omokage*, sendo que esses poemas serviram de base para que Takuboku produzisse poemas nos moldes apresentados, e, posteriormente, que ele tornasse o “inventor” do tanka dispostos em três linhas, único no gênero, que retrata de modo simples e imediato, as sensações e emoções do cotidiano (*seikatsu tanka*), - sua grande contribuição no que concerne ao estilo tanka da literatura *Kindai*. Assim, podemos dizer que a “encruzilhada” tenha sido o *turning point* para suas produções literárias futuras.

A humanidade busca mais e mais descobrimentos, inovações, progresso e em troca vai pagando com a perda de sentimento humano, a essência do ser.

Takuboku ironizou, criticou a sociedade devastada do início do século; outros literatos vieram fazendo o mesmo, e assim, o arquétipo do desastre humano permanece inalterado, voltando-se-nos com a mesma grande intensidade, nos dias de hoje.



## NOTAS:

- (1) Era Meiji (1868 - 1912) Inicia-se com o retorno oficial do poder político à família imperial, que até então se encontrava nas mãos do *shogun* Tokugawa. Corresponde à época em que o Japão sofre uma série de mudanças sócio-político-econômicas.
- (2) Literatura *Kindai* Denominação usual da literatura da era Meiji. *Kindai*, literalmente, significa moderna. A literatura *Kindai* começa a se concretizar por volta de 1885, comportando na base a afirmação do eu e do humanismo e o desejo de liberdade.
- (3) *Genbun'itchi undô* Movimento reformista que visou a expressão de emoções e ideologias de modo livre e preciso, aproximando a escrita (*bun*) da fala (*gen*). Iniciou-se em 1866 e vai até 1946, quando os documentos oficiais passaram a ser escritos em estilo talado (*Kôgotai*), subdividido em sete fases. Este movimento contribuiu grandemente no desenvolvimento da cultura e literatura moderna do Japão.
- (4) *Shintaishishô* Coletânea de 14 poemas traduzidos e 5 poemas em estilo novo, publicada em agosto de 1882, sendo o marco inicial de um estilo poético renovado dentro da poesia japonesa. O propósito dessa renovação, podemos notar na citação de Tetsujirô Inoue, um dos autores: "Os poemas de Meiji, devem pertencer ao Meiji, não devem ser *Koka* (poemas antigos); o poema japonês deve ser japonês, não devendo ser *Kanshi* (poemas chineses) e isso é o motivo da formação do novo estilo poético" Com esta obra, foi introduzida na poética japonesa, pela primeira vez, a consciência poética através da palavra "poetry".
- (5) *Omokage* Coletânea de poemas traduzidos, compilados por Ôgai Mori (1862 - 1922), que introduziu no Japão, os primeiros poemas líricos de estilo europeu, sendo um grande acontecimento na história da literatura japonesa.
- (6) *Tanka* Poema japonês tradicional, constituído por 31 sílabas, dispostas em 5 metros, cada um contendo 5 - 7 - 5 - 7 - 7 sílabas, nesta ordem, e escrito em uma linha só.
- (7) *Kajin* Compositor de *tanka*.
- (8) *Shijin* Dentro de literatura japonesa, refere-se aos compositores de poemas diferentes dos poemas tradicionais como *tanka*, por ex.
- (9) Morioka cidade da província de Iwate, ao nordeste do Japão.
- (10) Hakodate cidade portuária, ao sudoeste de Hokkaidô (ilha que se localiza ao norte do Japão). Cidade que serve de passagem entre Honshû (ilha principal) e Hokkaidô.
- (11) Revista *dôjin* ou *dônin* revista literária, publicada por associações literárias, de circulação limitada.
- (12) Os números se referem à data de composição, no ano de 1907.
- (13) Nessa época, quando ocorria a impressão de alguma notícia-extra, os homens do jornal distribuíam-na, a correr pela cidade, ressoando os guizos que prendiam às suas cinturas.
- (14) Retorma Meiji refere-se às mudanças feitas na era Meiji.

## BIBLIOGRAFIA

- BEKKU, Sadanori *Nihongo-no Rizumu* (O ritmo da língua japonesa). Tóquio, ed. Kôdansha, 1977.
- ITÔ, Sei "Shijin-no Shôzô" (Retratos do poeta) in: *Nihon-no Shiika* (Poemas do Japão). Tóquio, ed. Chûôkôronsha, 1967, pp. 393 e ss.

- ITÔ, Sei et alli (org.) *Nihon Bungaku Shôjiten* (Pequeno Dicionário da Literatura Japonesa). Tóquio, ed. Shinchôsha, 1979.
- ISHIKAWA, Takuboku *Takuboku Zenshû* (Obras Completas de Takuboku). Tóquio, ed. Iwanami, 1963, vol. 3, pp. 96 - 103.
- JAKOBSON, Roman "Qu'est-ce que la poésie?" in: Huit questions de poétique. Paris, Seuil, 1977
- ONO, Toozaburô "*Shi-no rizumu-no kufû*" (Técnica de ritmo poético). in: *Shi-no hon* (Livro de Poesia). Tóquio, ed. Chikumashobô, 1973.
- POUND, Ezra ABC da Literatura. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, s.d.
- SAKAGAMI, Sen'ichi - *Kindai Nihon Bungaku-no Rekishi* (História da Literatura Japonesa Kindai). Tóquio, Ôfûsha, 1980.
- TSUKADA, Yoshifusa et alli (org.) - *Jôyôkokugo Benran* (Manual de assuntos gerais). Nagoya, Hamashima shoten, 1985.